

ATERRO, CORPO ESTRANHO Vamos comer a cidade!

João Pedro Oliveira Pompeu de Pina¹

Seria a cidade um corpo?

O poema-manifesto deriva do trabalho 'Vaga-lumes: a cidade noturna e os corpos dissidentes', uma investigação a respeito das práticas que acontecem na cidade à noite, em especial aquelas realizadas por corpos dissidentes de gênero e sexualidade. 'Aterro, Corpo Estranho', portanto, é um delírio de interpretação sobre a prática da pegação noturna que ocorre diariamente no Parque do Flamengo do Rio de Janeiro, comumente chamado de Aterro.

O que poderíamos vislumbrar de uma cidade estranha e monstruosa? Pensar a cidade enquanto corpo e a partir das lentes *queer*², seria permitir sua própria monstruosidade? Comer a cidade é uma autofagia, uma antropofagia de nós mesmos. À noite, ela come a si própria, se desnuda, e os monstros que ali habitam encontram permissão para existirem. Uma cidade que destrói a si mesma para, paradoxalmente, construir-se como possibilidade. Um corpo dentro do outro. Uma cidade em movimento, fluida e performativa, repleta de desejos e volúpias.

1 João Pedro O. P. Pina é arquiteto urbanista e co-autor do livro 'Urbanismo Tático: X Ações para Transformar cidades'. Ao longo da graduação integrou a equipe de pesquisadores bolsistas do Labit-ProUrb (Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático) e do NALA-ProArq (Narrativas Latino-americanas em Arquitetura). Compôs a equipe curatorial da Exposição 'Arquitetura Contemporânea na América Latina', realizada pela RedBAAL (Rede de Bienais de Arquitetura da América Latina); realizou o curta-metragem 'Rio-Necrópole', publicado pela revista Empena e exibido na Mostra Sala Preta da Prefeitura do Rio de Janeiro e foi finalista no concurso Maré-Cidade promovido pelo UIA21.

2 O *queer* (ou *queerness*) - termo cuja tradução alude a estranheza - é uma teoria da não-teoria, "estritamente vinculada à interpelação da multitudine de corpos dissidentes" (Pereira, 2015, p.413) ou uma corrente 'guarda-chuva' para os "corpos estranhos" que vivem/sobrevivem em reação às normas que regem o comportamento, o sexo, o desejo, as vestimentas e os espaços da cidade.

Aterro, corpo estranho

Vamos comer a cidade?

Aqui no cu do mundo, este nosso sítio, o que atropelava a verdade era a roupa³.
A roupa deforma o corpo.

O corpo contra o espaço.

O espaço será deformado pela pele.

Desnudem-se

O totem vai ser o tabu⁴.

Jaci⁵ e Omulu⁶ estão por aí.

Desta pele que habito⁷, aflorarão dos poros abertos, no meio dos pêlos eriçados, por entre os orifícios em masturbação

esses monstros que habitam aqui neste nosso

sítio.

Cucarachas e humanóides ciborgues, micélios nos unem

Manas e Monãs!

All stars são lantejoulas, Lunática Pindorama.

Aguce os sentidos, a noite está nua.

Arregale os olhos, respire fundo. Os ventos sopram Matogrosso,

Escuta.

A pitanga é um fruto nada proibido.

Delicie-se.

O inferno já está entre nós. Tem cu pra todo lado,

thank you.

O purgatório não nos serve. merci beaucoup.

Abaporu

Prefiro a Terra, aterro.

Boto cor-de-rosa⁸ que navega

Couraça de pele,

jangada⁹

Marshemos¹⁰ com Madame Satã¹¹ nessa diáspora.

Não existe pecado aqui no Sul¹²

Vamos a Urano¹³,

EDI¹⁴_ficá-lo

3 Trecho de Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade, 1928.

4 Referência ao Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade, 1928.

5 Na mitologia Tupi, Jaci é a deusa Lua e guardiã da noite. Protetora dos amantes e da reprodução. Filha de Tupã, Jaci é irmã-esposa de Guaraci, o deus Sol.

6 Nas religiões afro-brasileiras, Omulu é o orixá da cura e da saúde. Ele veste com um manto feito de fibras de palha para encobrir as marcas das doenças marcadas em sua pele.

7 Longa-metragem do diretor Pedro Almodóvar, de 2011.

8 No Folclore brasileiro, o boto cor-de-rosa transforma-se em um homem bonito no cair da noite para seduzir mulheres e depois retorna ao rio em forma de animal.

9 No livro 'Jangada de Pedra', José Saramago cria uma narrativa ficcional em que a península Ibérica se desacopla do continente e sai à deriva.

10 Marsha P. Johnson, mulher negra, trans e ativista pelos direitos LGBTIA+.

11 João Francisco dos Santos, mais conhecido como Madame Satã, foi um transformista brasileiro, uma figura emblemática e um dos personagens mais representativos da vida noturna e marginal da Lapa carioca na primeira metade do século XX.

12 Canção de Chico Buarque, 1990.

13 Menção ao livro 'Apartamento em Urano: Crônicas da Travessia', de Paul B. Preciado, 2019.

14 No dialeto Pajubá, edí significa cu/ânus.

Desbravar outros planetas, cruzar outros museus
Esses já não nos servem
Desacople,
 aterro.
 Naveguemos,
 corpo estranho
 Vamos comer a cidade

Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=70M9d_bXIRk





